



I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ENSINO

FORMAÇÃO DOCENTE, TECNOLOGIAS E DIVERSIDADE

02 a 04 de Agosto de 2023



FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DIVERSIDADE CULTURAL: APONTAMENTOS TEÓRICOS¹

Jefferson Luis da Silva Cardoso²; Rosângela Araújo Darwich³

¹ Recorte de Tese de Doutorado em andamento pelo PPGCLC/UNAMA

² Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), jefferson.cardoso@ufra.edu.br

³ Universidade da Amazônia (UNAMA), rosangeladarwich@yahoo.com.br

Resumo

O trabalho faz parte do corpus teórico de uma tese de doutorado em andamento sobre a formação de professores para escola do campo. O objetivo é refletir sobre o tema diversidade cultural atrelado à formação de professores. A metodologia tem abordagem qualitativa e foi realizada pesquisa bibliográfica. O aporte teórico conta com Gomes (2008), Veiga (2009), Zabala (2002) e Candau (2008), dentre outros. Como resultado, aponta-se para necessidade de ampliar os debates sobre diversidade e cultura no processo de formação de professores, seja ela inicial, em serviço ou continuada, a fim de fortalecer as práticas multiculturais nas salas de aula.

Palavras-chave: Formação docente; Diversidade cultural; Comunidades tradicionais.

Introdução

A questão da diversidade cultural no Brasil vem de longa data. Eventos como colonização portuguesa no continente americano, invasões europeias, mão de obra escrava de matriz africana, ondas de imigrantes e indígenas como povos originários instituíram no país o multiculturalismo em suas diversas faces sociais. A escola, como ambiente socializador, precisa organizar, planejar, sistematizar e promover o amplo debate social sobre as diferenças. Os professores, que na sala de aula se deparam com a diferença cultural dos alunos, necessitam de atenção por partes das políticas de formação docente, no sentido de promover as discussões que se fazem necessárias no interior da escola.

Assim, este estudo busca responder a seguinte questão: como a formação de professores tem sido representada na literatura da área, quanto ao tema diversidade cultural? Objetivou-se, refletir sobre o tema diversidade cultural atrelado à formação de professores.

¹ O texto é um recorte de uma subseção da tese de doutorado que investiga a formação de professores para escola do campo, no entanto, aborda objetivamente a questão da diversidade cultural na formação de professores de maneira ampla na sociedade brasileira.

Metodologia

Este estudo segue a abordagem qualitativa, levando em consideração impressões pessoais, relações e experiências sociais que permitem reconhecer as especificidades dos fenômenos observados (GIL, 2017). Foi realizada pesquisa bibliográfica a fim de levantar publicações científicas e outros estudos já realizados, de modo a conhecer o que já foi produzido sobre o assunto em análise, nas bases SciELO Brasil, Portal Capes e Google Acadêmico, no período de janeiro à julho de 2021 (SEVERINO, 2013). Além de analisar, como obras-chave Gomes (2008), Canen (1997), Silva (2005), Zabala (2002) e Candau (2008).

Para a análise final, foi escolhida a concepção interpretativa ou triangulação de métodos, já que é analisado o “contexto, da história, das relações, das representações [...], visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação” (MINAYO, 2005, p. 28-29), no sentido de perceber melhor o entrelaçamento do tema diversidade cultural e formação de professores.

Resultados e discussão

Os temas diversidade, diferença, multiculturalismo, cultura e identidade compõem um amplo campo de estudo, haja vista a complexidade dos termos e a aplicabilidade deles na prática social. No que tange à educação brasileira, os temas em questão receberam importante destaque com a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatórios, nas escolas do país, estudos sobre a cultura africana e indígena. Ainda nessa linha de reflexão, a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena consolida a lei citada e inaugura novas abordagens educacionais para a formação de professores.

O impacto dessa mudança traz novos cenários para educação, que passa a trabalhar a diversidade e as diferenças sociais de forma mais efetiva, reflexiva e aprofundada, dada a própria construção da sociedade brasileira. Desse modo, estudos de Ferreira (2004), Maia, Caldeira e Tosta (2008) e Fleuri (2006) apontam para necessidade do debate sobre diversidade e diferença, ressaltando a característica multifacetada das populações e das diferentes identidades que circulam pelas sociedades.

Na visão de Gomes (2008),

[...] Em qualquer sociedade, a construção da diversidade assume contornos diferentes de acordo com o processo histórico, relação de poder, imaginários, práticas de inclusão e exclusão que incidem sobre os diferentes sujeitos e grupos. Nesse sentido é preciso compreender os processos históricos e culturais singulares vividos por esses grupos no contexto das desigualdades e como esses nem sempre são considerados quando lutamos pela construção da democracia (GOMES, 2008, p. 70).

Nesse caminho, a autora afirma ainda que a partir de 2003 há uma escalada no sentido de levar a diversidade para o campo educacional, atendendo aos diversos grupos sociais existentes no Brasil. Isso aconteceu em importantes movimentos da política educacional, como o caso da Conferência Nacional de Educação Básica, em 2008, e da Conferência Nacional de Educação, em 2010. Esses movimentos revelam um esforço da sociedade civil organizada de levar ao Ministério da Educação as demandas mais urgentes de nossa sociedade.

A partir disso, foi pensado no conceito de diversidade que aparece nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Segundo Abreu e Cordioli (2005), o conceito deve ser o reflexo da construção histórica, social, cultural e política, que demonstra diferenças nas relações de poder que, no caso da sociedade brasileira, são marcadas por uma forte desigualdade social. Os autores vão mais diante e afirmam que uma educação que contemple essas discussões deverá considerar:

[...] os negros, quilombolas, indígenas, as pessoas com deficiência e do campo, as crianças, adolescentes e jovens em situação de risco, os jovens e adultos, a população LGBT, os sujeitos privados de liberdade. Deverá ainda considerar a educação dos ciganos, a educação ambiental, os direitos humanos, a liberdade de expressão religiosa na escola e a educação profissional (ABREU; CORDIOLI, 2005, p. 56)

Essas demandas influenciam fortemente o trabalho docente, o que, por sua vez, remete a uma formação de professores que privilegie os debates no interior da sala de aula. No entanto, para que isso ocorra de forma mais apropriada, é necessária uma bagagem teórico-metodológica sobre os temas. Assim, diante de uma realidade com altas desigualdades no Brasil e marcada por “problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários” (MORIN, 2000, p. 36), será necessário que a escola, por meio de seus gestores, coordenadores, professores e alunos, crie estratégias eficazes de intervenção na realidade imediata. Isso tudo demanda conhecimento, saberes e competências no campo da diversidade cultural para o respeito às diferenças.

Na concepção de Veiga (2009), a docência exige conhecimentos técnicos e profissionais direcionados à atividade dos professores, no sentido da qualidade do que é feito em sala de aula. A docência requer também inovação, pois ensinar, pesquisar, avaliar e aprender atualizam saberes que serão usados pelos sujeitos para intervenção social. Nos estudos de Zabala (2002), a atividade do ensino, atrelada aos problemas sociais e sua possível resolução, coloca os sujeitos diante do mundo real, que instaura neles a compreensão de seu papel social no contexto da história da própria humanidade nas suas diferentes culturas.

Na caminhada educacional brasileira, torna-se importante no debate aqui proposto, a compreensão do multiculturalismo, compreendido como “[...] movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional” (SILVA, 2005, p. 85). Para Candau (2008), o multiculturalismo traz para o debate as causas dos grupos sociais excluídos e, de forma pontual, a questão étnica referente a como as identidades negras exercem uma grande força na produção do próprio conceito sobre o multicultural.

Nas observações de Canen (1997), a formação de professores não pode mais negar essa realidade, fazendo-se oportuna a quebra de preconceitos e estereótipos diante da diversidade cultural de nosso país e a inauguração de um novo fazer docente em termos teórico-metodológicos. Colaborando nessa direção, Santomé (1995) adverte sobre uma escola que esteja alicerçada na democracia e que propicie, a seus alunos e professores, avaliar sua realidade com base em teorias, costumes e padrões observáveis na comunidade no qual estão inseridos. No olhar de Moreira e Candau (2003), há uma estreita relação escola-cultura por meio do processo educativo, sendo os professores os agentes efetivos no processo de ensino e aprendizagem.

Assim,

[...] a escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito a educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política (GOMES, 2008, p. 79).

Nesse sentido, Candau e Moreira (2008), em outra produção sobre a questão de trabalhar as diferenças na sala de aula, pontuam algumas considerações importantes na formação de professores: a) aumentar a consciência dos alunos sobre

a importância das diferenças; b) trazer informações que permitam aos alunos reconhecer preconceitos e discriminações; c) evidenciar uma imagem positiva sobre os grupos ditos socialmente subalternos; d) descolonizar o pensamento dos alunos acerca de conceitos hegemônicos em diferentes momentos históricos da humanidade; e) usar diferentes meios de comunicação para estimular a compreensão e crítica sobre identidades sociais; f) estimular posicionamentos sobre propostas de ação e intervenção vinda dos alunos; e g) promover amplo debate sobre as diferenças.

É importante ainda, observar que grande parte dos professores do Brasil ainda vive em condições difíceis de trabalho, a começar pela própria formação. Em estudo feito por Martins (2008) é apontada a precariedade da formação de professores, especialmente daqueles que atuam no campo, que têm sido mais prejudicados, uma vez que em parte “[...] dos professores qualificados no ensino superior, há um grande número formado nas chamadas licenciaturas curtas ou em cursos à distância, cursos que, em boa parte dos casos, apresentam um caráter de qualidade duvidoso” (MARTINS, 2008, p. 32). Essa situação revela certa fragilidade em termos de formação e, mais adiante, da prática pedagógica.

Contribuem nessa caminhada, Maués e Camargo (2012), quando ratificam que o Brasil ainda possui um alto número de professores leigos em sala de aula, apesar das ações educacionais que já deveriam ter sanado essa questão. Por seu turno, Gatti (2011, p. 89) aposta na formação inicial como ponto crucial, haja vista a sua

[...] importância ímpar, uma vez que cria as bases sobre as quais esse profissional vem a ter condições de exercer a atividade educativa na escola com as crianças e jovens que aí adentram, como também as bases de sua profissionalidade e da constituição de sua profissionalização.

Nessa perspectiva, é fundamental que os professores, no exercício de sua profissão, tenham pleno domínio das situações que ocorrem no âmbito de suas formações. E como podem, se a formação docente por vezes não alcança seus anseios? É o caso do professor que atua na Educação do Campo frente à diversidade cultural de seus alunos. Parte significativa deles é formada na cidade, nos grandes centros urbanos, e que então se deparam com a realidade singular e surpreendente da educação campesina.

Na visão de Romão (2001), o professor que não está preparado para o trabalho com a diversidade tende a homogeneizar o pensamento de seus alunos, adotando posturas egocêntricas e singulares que só reforçam a máxima de que as minorias socialmente constituídas possuem aprendizagens e comportamento cognitivo tardios.

Assim, a “formação destes professores, que recebem uma preparação precária e deficiente, no lugar de uma mais adaptada à realidade brasileira e às preocupações mais evidentes por parte da maioria dos brasileiros” precisa ser urgentemente revista no processo de formação docente (BOAKARI, 1994, p. 23).

Conclusões

Diante da literatura levantada, há clara necessidade de investir na formação de professores para o atendimento das diferenças em sala de aula, no sentido de valorizar a diversidade cultural existente no Brasil. Torna-se necessário investir e acreditar em práticas mais humanas e solidárias, em caráter universal. Este estudo aponta ainda, alguns reflexões: a) investir em práticas pedagógicas decoloniais na sala de aula; b) promover atividades de reflexão sobre o acolhimento das diferenças, como de raça, religião e gênero; c) articular debates fundamentados na informação verificada e previamente analisada, com fins de esclarecimentos sobre preconceitos e discriminações; e d) incentivar os alunos em práticas que estimulem a reflexão crítica diante dos fatos sociais que envolvam temas como diversidade, multiculturalismo, racismo, equidade e solidariedade.

Em linhas gerais, é esperado que o investimento concreto na formação de professores favoreça a promoção de práticas multiculturais, com o fortalecimento da educação inclusiva e valorização de todas as culturas presentes na sala de aula. Assim sendo, os professores estariam melhor preparados para repassar aos alunos perspectivas valorizadoras de uma convivência harmoniosa, os capacitando para lidar com a diversidade cultural de forma respeitosa e construtiva.

Referências

ABREU, M.; CORDIOLLI, M. *Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação*. Brasília: MEC, 2005.

BOAKARI, F. M. As crianças negras e a socialização que produz o fracasso escolar. In: VEIGA-NETO, A. J. (org.). *Sociologia da educação – GT/ANPED*, Porto Alegre: ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1994.

BRASIL. *Lei nº 10.639. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*. Brasília, MEC/SEF, 2003.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. e CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e prática pedagógicas*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

- CANAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (Orgs). *Multiculturalismo – Diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- CANEN, A. Formação de Professores: diálogo das diferenças. In: *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v.5, n. 17, 1997.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da Língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FLEURI, R. M. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. *Ed. E Soc.* Campinas, vol.27, n 95, 2006.
- GATTI, B. A. *Políticas docentes no Brasil: um estado da arte*. Brasília: UNESCO, 2011.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial: Por um projeto educativo emancipatório. *Retratos da Escola*, v8, n2, 2008.
- MAIA, M. E. A. S, CALDEIRA, A. M. S, TOSTA S. de F. P. A produção da diferença e da aprendizagem em sala de aula. *Contrapontos*, vol. 8, n.1, 2008.
- MARTINS, F. J. formação continuada de professores, MST e escola do campo. In: ANGHINONI, C. *Educação do Campo e formação continuada de professores: uma experiência coletiva*. Porto Alegre: EST Edições: Campo Mourão: FECICLAM, 2008.
- MAUÉS, O. C.; CAMARGO, A. M. M. Marcos regulatórios nas políticas de formação e valorização docente pós-LDB. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 42, n. 28, 2012.
- MINAYO, M. C. de S (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.
- ROMÃO, J. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- SANTOMÉ, J. T. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- VEIGA, I. P. A. *A aventura de formar professores*. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- ZABALA, A. *Enfoque Globalizador e pensamento complexo: Uma proposta para o currículo escolar*. Porto Alegre: ARTMED Ed. 2002.
- SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2.ed., 8 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.